

Educação Financeira: O Papel Central do Entendimento da Inflação no Orçamento do Consumidor

GABRIEL BRASIL (*)

Nos últimos anos, o Brasil experimentou uma explosão de iniciativas – em particular, oriundas do setor privado, mas também por parte do Banco Central – voltadas para a promoção de educação financeira no país, especialmente para consumidores de menor renda. Trata-se de um fenômeno bem-vindo, ainda que motivado por incentivos econômicos explícitos, na medida em que favorece a democratização dos produtos disponíveis no mercado financeiro e, principalmente, do conhecimento associado ao desafio da gestão financeira no nível individual. De acordo com pesquisa divulgada pelo jornal O Estado de S. Paulo em janeiro de 2022, cerca de 52% dos brasileiros não sabem como montar um planejamento financeiro.¹ Ainda, de acordo com o Índice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-FSB), da FEBRABAN, seis em cada dez brasileiros admitem ter dificuldades para fazer a gestão das suas finanças.

Embora este seja um setor ainda em amadurecimento no Brasil, é notável como iniciativas voltadas para a promoção da educação financeira no Brasil ainda sejam concentradas no ambiente dos investimentos. Isto é, são voltadas para

a divulgação das possibilidades de alocação de recursos das pessoas, e não necessariamente focadas em destrinchar os desafios da gestão orçamentária do cotidiano. Esse tema tornou-se especialmente caro no último ano na esteira da escalada da inflação, que representa atualmente uma das maiores preocupações do brasileiro. De acordo com pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em março, e divulgada pelo Portal360, a inflação está entre as três principais preocupações do brasileiro.²

Considerando a redução da renda média do brasileiro – que em 2021 atingiu seu menor valor desde 2012, segundo a pesquisa Rendimento de Todas as Fontes, do IBGE –, é bastante razoável assumir que, pelo menos atualmente, a educação financeira precisa priorizar um bom entendimento do fenômeno da inflação – mais ainda do que noções de investimento em ativos financeiros.³ É primordial que trabalhadores e trabalhadoras tenham condições de tomar decisões de consumo bem informadas com relação à volátil dinâmica dos preços antes de se dedicarem à tarefa de investir o restante da sua renda.

Nesse contexto, vale lembrar que não se trata de um fenômeno intuitivo em todos os casos.

A plataforma gratuita “Considere a Inflação” parece oportuna neste sentido. Com base em dados oficiais do IBGE, usuários têm acesso de forma amigável a gráficos e tabelas com um detalhamento da variação dos preços de itens de consumo básico em múltiplas categorias nos últimos vinte anos.⁴ Através dela, podemos notar, por exemplo, que, embora os preços dos combustíveis tenham subido de forma considerável no período (em mais de 30%), todos os meios de transporte coletivo (à exceção dos aplicativos) ficaram mais baratos relativamente ao IPCA – uma informação que provavelmente contraria a intuição de muitas pessoas. Gastos com educação e saúde também estiveram sistematicamente abaixo do IPCA. O custo com aluguel em São Paulo (extraído da base da FIPEZAP) também tem comportamento instigante: sua máxima histórica foi registrada em dezembro de 2013, ao passo que o valor informado em março de 2022 representa a mínima histórica caso ajustemos os valores da série pelo IPCA.

Aluguéis em São Paulo (FIPEZAP)

Última posição (04/2022): 159.95

Máxima histórica: 232.93 em 12/2013

Mínima histórica: 159.07 em 03/2022



Fonte: Plataforma Considere a Inflação, com dados FIPEZAP.

Como explorado pela economia comportamental, a avaliação de preços por parte de consumidores e investidores está sistematicamente sujeita a vieses cognitivos importantes, que muitas vezes contrariam os princípios de racionalidade tão comuns nos modelos econômicos. Em trabalho importante neste campo, Priya Raghubir mostra que a avaliação de consumidores da magnitude e da importância dos preços está sujeita a subjetividades relacionadas a fatores como percepção, inferência, afeto, memória e integração de informação.⁵ Este último fator – associado à informação – parece especialmente central em contextos como o atual brasileiro, em que há alta volatilidade nos preços ao mesmo tempo que consumidores são bombardeados com informações desagregadas a res-

peito dos impactos disso na economia e no seu orçamento.

Um ponto de atenção para este debate tem a ver com o papel da imprensa. Embora se note uma proativa e desejável postura por parte dos principais veículos em reportar a evolução dos principais preços da cesta de consumo do brasileiro, ainda há importantes dificuldades no entendimento de alguns fenômenos, que acabam sendo repassadas para os seus leitores/telespectadores. Uma matéria veiculada pelo Jornal Nacional, da TV Globo, e replicada no Portal G1 em 30 de junho de 2022, é um exemplo recente disso.⁶ Com base em estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação, o jornal tentou fazer uma discussão entre

a diferença do IPCA e dos aumentos de preços “efetivamente sentidos pelos brasileiros” (*sic*), criando um conceito chamado de “inflação do bolso”. Apesar da clara tentativa de informar, a matéria acabou gerando mais confusão na medida em que relativizou a importância estatística do uso de uma cesta de consumo média (como faz o IBGE) e, no limite, minou a credibilidade do IPCA.

É inviável, e provavelmente desnecessário, esperar que consumidores tenham conhecimento estatístico sofisticado para (ou mesmo interesse em) entender de forma completa o funcionamento de um índice complexo como o IPCA. No entanto, é razoável assumir como desejável que o básico do raciocínio por trás do aumento dos preços seja bem divulgado. Há outras razões para além daquela estritamente econômica. Politicamente, por exemplo, isso tende a favorecer uma maior maturidade democrática na medida em que eleitores poderão identificar e reconhecer com maior clareza a viabilidade e a desejabilidade de propostas voltadas para o endereçamento do problema da inflação por parte dos candidatos. Sabemos, afinal, que, por se tratar de um tema literalmente caro ao eleitor, a maioria dos partidos o explorará nas eleições. Há, ainda, um fator moral importante. A redução das assimetrias de informação – inclusive com relação a conceitos econômicos básicos – tende a ser um fator desejável

para a redução das desigualdades. Afinal, a otimização orçamentária tende a ser um fator não negligenciável na dignidade humana em tempos de elevada inflação – especialmente entre aqueles de menor renda.

Seguem bem-vindas as iniciativas do setor privado e do setor público para a promoção de educação financeira. Elas seriam ainda mais desejáveis, contudo, caso focassem – ao menos inicialmente – no fenômeno da inflação. Considerando projeções do mercado, afinal, trata-se de um tema que ainda preocupará os brasileiros por pelo menos mais alguns anos.

brasileiro-cai-e-atinge-menor-valor-da-serie-historica.ghtml. Último acesso em: 06 jul. 2022.

- 4 Disponível em: www.considereainflacao.com.br
- 5 RAGHUBIR, P. An information processing review of the subjective value of money and prices. *Journal of Business Research*, v. 59, n. 10, p. 1053-1062, October 2006.
- 6 “Levantamento mede diferença entre preços praticados no varejo e a inflação oficial”. *G1*, 30 de junho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/30/levantamento-mede-diferenca-entre-precos-praticados-no-varejo-e-a-inflacao-oficial.ghtml>. Último acesso em: 06 jul. 2022.

1 “Por que metade dos brasileiros não consegue se planejar para o futuro”. *O Estado de S. Paulo*, 19 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/educacao-financeira/brasileiros-planejamento-financeiro-pesquisa#:~:text=A%20pesquisa%20ouviu%203.450%20pessoas,financeiro%20para%20os%20pr%C3%B3ximos%20anos>. Último acesso em: 06 jul. 2022.

2 “Preocupação com economia supera saúde, educação e segurança”. *Portal360*, 3 de março de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/preocupacao-com-economia-supera-saude-educacao-e-seguranca/>. Último acesso em: 06 jul. 2022.

3 “Renda de brasileiro cai e atinge menor valor da série histórica”. *Valor Investe*, 10 de junho de 2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasile-politica/noticia/2022/06/10/renda-de->

(*) *Economista pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em economia política internacional pela Universidade de São Paulo. (E-mail: gabrielchbrasil@gmail.com).*